

Revivendo o passado... na rua Garrett (nos finais do séc. XIX)*

André Capricho

*«A Lisboa material tem posições morais.
Há sítios que dão, aos que os pisam, uma individualidade.
O lajedo e a cantaria consagram espíritos.
Encontrar-se no Chiado - significa ter a fina flor da graça,
a vivacidade conceituosa e os costumes dissipados»
Eça de Queiroz¹*



* Trabalho realizado em 2002, no âmbito do *Seminário de História da Arte*, sob a orientação do Prof. Arq. João Pancada Correia. Versão revista e adaptada para publicação.

¹ Eça de Queiroz, «Lisboa», in *Prosas Bárbaras*, ed. do Centenário, com «Introdução» de Jaime Batalha Reis, Porto, Lello & Irmão, s.d., p. 164 (Publicado pela 1ª vez na *Gazeta de Portugal* de 13/10/1867).

Introdução

Recordo-me de ouvir, desde criança, lá em casa, alguém perguntar: - «Vamos à Baixa ? Vamos ao Chiado ?» O que significava *ir às compras*. Na realidade era uma verdadeira festa, para mim e para os meus primos, pois já sabíamos que iria ser um dia completamente diferente. A minha bisavó Mariana, dizem-me, tecia por vezes os seus comentários e lamentava, saudosamente: «O Chiado já não é como dantes ! Já não tem aquele *glamour*, requinte e bom gosto do meu tempo... !» As suas recordações incluíam a aristocracia que se passeava pelo Chiado e pela Baixa, mas também se lembrava das figuras populares da varinas, dos aguadeiros, dos ardinhas e de outros vendedores com os seus pregões típicos.

O Chiado era realmente o espaço de eleição da Lisboa romântica, boémia e aristocrática e frequentá-lo era como que cumprir um ritual. Antes de partir para férias, para a quinta de seus pais, em Bucelas, ou para as termas das Caldas da Rainha, a bisavó Mariana não deixava de ir ao Chiado, quer para fazer as compras necessárias quer para se *abastecer* de livros, de revistas e de outros artigos na bem famosa *Livraria Bertrand*; também o *Paris em Lisboa* lhe despertava grande interesse, e aí comprava tecidos, vestidos e chapéus (talvez como aquele que mostra na fotografia que guardo), e era cliente dos *Armazéns do Chiado*, onde gostava de ver as novidades em tecidos e peles que chegavam do estrangeiro. Já idosa, recordava-se perfeitamente da Lisboa dos anos iniciais do século XX e chegava a dizer, com frequência, que o Chiado era uma autêntica *passerelle*, onde desfilavam as mais belas e vistosas senhoras da Capital, olhando as montras das lojas de modas, de perfumes, de jóias, exibindo com prazer os seus vistosos trajes com os inigualáveis chapéus. Faziam-se acompanhar por amigas, por uma criada ou por um cavalheiro, igualmente bem trajado, que, decerto, usaria bigode como era de regra.

A minha bisavó Mariana faleceu há já vários anos, mas dela me ficou uma lembrança suave e simultaneamente austera. Essa lembrança suscitou-me curiosidade e interesse em conhecer melhor “o seu tempo” e “o seu Chiado”, e creio que poderei dizer que fazê-lo é tentar ir ao encontro de um Chiado perdido no tempo, um local que tantos escritores, como Eça e Ramalho Ortigão, souberam descrever.

As razões que acabei de expor são de natureza afectiva e, ainda que não tenham sido, em absoluto, determinantes da escolha deste tema, de facto conduziram-me até ele, como se fossem uma íntima sugestão, que tomei como boa quando reflectidamente a considerei. Tendo sido aceite o tema, cumpria-me elaborar o trabalho para o Seminário, aquele que, por ser o de *fim de curso*, comporta também especiais responsabilidades. Mas, se aprender é apreender, então o estudar e o ler não podem distanciar-se do ver, e aliado ao meu interesse pela História de Lisboa, está presente também o desejo de “espreitar” alguns dos locais que já não conheci, mas de que tanto se fala, locais tantas vezes mencionados em autores maiores da nossa literatura, mas raramente descritos (porque para os contemporâneos nunca é necessário descrever o que muito bem conhecem!), locais onde, há pouco tempo, afinal, a vida quotidiana decorria nos seus mais diversos aspectos, diferente da actual, decerto não pior, provavelmente não melhor. Diferente...

I. O Chiado

1. Um pouco de História.

Não terá sido pacífica a alteração da toponímia nesta zona lisboeta, que se verificou nas décadas finais de Oitocentos, tendo em atenção a opinião expendida acerca do assunto pelo olisipógrafo Júlio de Castilho²: « (...) ir desterrar para os desvãos ingratos do esquecimento o velho António Ribeiro e dar por templo ao nome colossal de Garrett uma rua condenada a morrer (porque a actividade de Lisboa tende para a Avenida), uma rua com que êle nada tinha, uma rua comercial e frívola, sem o mínimo lampejo de poesia, uma rua de ociosos, uma rua de janotas, uma rua de restaurantes, modistas, cabeleireiros e estancos de tabaco; fazer tudo isso quando para Garrett e para todos os outros bons portugueses que aponteí, tínhamos ruas novas e praças novas em bairros novos (...)». Assim se indignava o autor, com o facto de a rua das Portas de Santa Catarina passar a designar-se rua Garrett, e isso por duas ordens de razões: Garrett merecia mais e melhor, merecia dar nome a uma rua que se

² Júlio de Castilho, *Lisboa Antiga - Bairros Orientais*, vol. VIII, Lisboa, 1937, p. 183.

distinguisse pela seriedade e merecia que essa rua se situasse num espaço novo aberto ao futuro, porque, pensava Júlio de Castilho, a expansão da cidade determinaria a morte da actividade daquela zona de Lisboa e, em especial, daquela rua. Por outro lado, perguntamo-nos como pode uma rua «comercial» ser, simultaneamente, «de ociosos», quando lá se encontram actividades essenciais como as referidas e outras que não o foram. Mas, e quanto ao «velho António Ribeiro»? O reparo é que se ia «desterrar para os desvãos ingratos do esquecimento», o que permite admitir que Júlio de Castilho temia que o nome do poeta Chiado fosse suplantado pelo de Garrett. Mas não foi o que se verificou, como sabemos, já que a coexistência tem sido pacífica...

A questão tem sequência umas páginas adiante, depois de referir-se (depreciativamente) aos «janotas da casa Havanesa»: «Em sessão da Câmara Municipal de 4 de Dezembro de 1876, o vereador Dr. Joaquim José Alves leu um requerimento de Francisco Gomes de Amorim, em que expunha que, não se tendo até então erigido um monumento ao grande poeta Garrett, lembrava a conveniência de dar o nome dêle a uma das ruas da capital, e pedia pois que a rua das Portas de Santa Catarina, ou do Chiado, se denominasse rua Garrett, e que o dia 9 de Dezembro, 22º aniversário do falecimento do poeta, se comemorasse solenemente (...)»³. Assim sendo, dizemos nós, a questão era a de reparar uma falta, a do levantamento de uma estátua, que uma placa toponímica poderia substituir !... e faltavam apenas cinco dias para o aniversário do falecimento.

E, prossegue Júlio de Castilho, dizendo que, por edital de 14 de Junho de 1880, o nome do «velho Chiado», «figura muito individualizada, muito característica na turba-multa dos nossos poetas menores» fora destronado pelo do «imortal Garrett», e que «como nós o esquecemos, o que se devia era ensinar aos frequentadores habituais da sua rua, quem êle tinha sido, mas não demolir-lhe a memória, e demolir-lha ingratamente no altar de um confrade. Garrett não ganhou, e o Chiado perdeu» (p. 205). Desconhecemos se esta discordância de Júlio de Castilho terá sido eco de polémica instalada na intelectualidade lisboeta, mas não nos escapam os termos com que são distinguidos os dois autores, cuja existência foi separada por três séculos e que se exprimiram de forma tão diferente quanto foi a projecção que tiveram.

³ *Id.*, *Ibid.*, pp. 199-200.

2. A iconografia mais representativa de Almeida Garrett e de António Ribeiro Chiado.



Fig. 1 – João Baptista de Almeida Garrett.



Fig. 2 - António Ribeiro Chiado.

António Ribeiro *Chiado*⁴ foi poeta e dramaturgo (c. 1520-1591). Tinha sido frade franciscano, mas “desfradara-se” transitando de Évora para Lisboa, onde compôs e fez representar as suas peças (autos e farsas) que, em larga medida, reproduzem as características do teatro vicentino, pondo em cena tipos populares e utilizando uma linguagem correspondente, que é interessante em termos de testemunho da sociedade do seu tempo. A conotação da alcunha *Chiado* aplica-se-lhe bem, ao que sabemos, por ter deixado uma imagem de boémio, trocista e malicioso, mas referem alguns estudiosos de Lisboa que ela foi dada a um comerciante (estalajadeiro ou taberneiro) chamado Gaspar Dias (fal. c. 1566), cujo estabelecimento se situava na rua das Portas de Santa Catarina e de que António Ribeiro era frequentador. João Baptista de Almeida Garrett (1799-1854) foi um homem do Romantismo, político, poeta e prosador, autor de romances e de peças para teatro, a quem coube, aliás, a fundação do Teatro Nacional⁵. No plano pessoal parece ter cultivado uma imagem de *dândi*, apresentando-se com uma extravagância que se enquadrava no espírito da abastada burguesia do tempo. Compreende-se, por todas estas razões, a admiração que suscitou e as expressões que encontrámos de «nome colossal de Garrett», o «grande poeta Garrett» e «imortal Garrett».

A rua Garrett

1. Em 1988 (e já decorridos 14 anos...).

No dia 25 de Agosto de 1988 as primeiras páginas dos jornais nacionais davam notícia do devastador incêndio que tinha deflagrado na *Baixa* de Lisboa.

A 2ª edição do jornal *A Capital*⁶ saiu com o título “**DESTRUIÇÃO**”, a toda a largura da página, uma grande e impressionante fotografia de chamas,

⁴ Em Cândido de Figueiredo, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 6ª ed., vol. I, Lisboa, Livraria Bertrand, 1939, encontramos o registo do termo *chiado* «em que há malícia» (com remissão para *Rev. Lus.*, VI, 79), atribuindo-se ao termo origem concani, a língua falada em Goa.

⁵ Garrett é uma personalidade que suscita aos historiadores um interesse especial, não só pela temática de algumas obras como *O Alfageme de Santarém* e *Frei Luís de Sousa*, que se inspiram em episódios da História de Portugal, como também pela acção política, sendo defensor da causa liberal e ministro dos Negócios Estrangeiros.

⁶ *A Capital*, Ano XXI (2ª série), nº 6506, de 25 de Agosto de 1988.

fumo, jorros de água e destroços e, em subtítulo, a frase «Nada como antes». A legenda da fotografia era eloquente: «Vindo do Grandela, o sinistro propagou-se aos quarteirões da Rua Nova do Almada (na foto) e da Rua Garrett. Algumas das mais nobres e antigas lojas de Lisboa foram consumidas pelas chamas. Milhões de contos de prejuízo numa cidade que não voltará a ser o que era antes». Nas páginas seguintes fala-se em «catástrofe - a pior que assolou a capital desde o terramoto de 1755»⁷ e enumeram-se algumas das lojas destruídas: *Armazéns Eduardo Martins*, *Grandela* (onde teve origem o fogo, pelas 5.20 horas) e *Chiado*, o *Último Figurino*, a *Valentim de Carvalho*. Recorda-se também a história, que já pertencia ao passado irrecuperável, de duas, as maiores: *Grandela* e *Chiado*. Dois dias depois, o *Diário de Notícias*⁸ publicou dois artigos de página inteira acerca do acontecimento. O título de um (assinado por Melo Lapa) diz: «Ficou mais pobre o santuário do comércio» e relembra a história dos *Grandes Armazéns do Chiado*, dos *armazéns Eduardo Martins*, do *Jerónimo Martins*, da *Casa José Alexandre*, da *Casa Batalha*, da *Ferrari* e da *Custódio Cardoso Pereira*, todas surgidas no séc. XIX, com excepção para a *Casa Batalha*, «o mais antigo estabelecimento de Lisboa, dado que a sua fundação é anterior a 1635»; o outro artigo, de António Valdemar, é intitulado «Chamas levaram importante património» e nele recolhemos informações de grande interesse.

A verdade é que este «santuário do comércio» não era uma zona residencial, e poucos eram os que aí habitavam. Já não o seria, aliás, quando Júlio de Castilho escreveu aquelas palavras sobre «a rua ociosa e frívola», mas errou no seu vaticínio de que a rua Garrett iria morrer por falta de actividade, como ficou comprovado.

A garantia de que esta zona da Baixa de Lisboa (cerca de 7500 metros quadrados) seria reconstruída ouviu-se no próprio dia do incêndio. Reportamo-nos à notícia no mesmo jornal *A Capital*, segundo a qual se afirmava que a reconstrução seria efectuada segundo um «projecto global» e que a Associação dos Arquitectos Portugueses já tinha projectos urbanísticos para aquela zona

⁷ Não seria uma palavra exagerada para descrever a situação, pois no mesmo diário vespertino se dá notícia da oferta de ajuda e colaboração do Governo espanhol no combate em incêndio e da expressão de solidariedade por parte da Comissão das Comunidades Europeias (era presidente Jacques Delors).

⁸ *Diário de Notícias*, "Informação geral", de 27 de Agosto de 1988, pp. 15-17.

da cidade. Decorreram 14 anos sobre a data do incêndio e as marcas da devastação ainda são muito evidentes; os novos edifícios em pouco se poderão assemelhar aos antigos, de que restaram pedaços de memórias em imagens, em textos e nas descrições que só podem fazer aqueles que os conheceram bem.



Fig. 3 - O incêndio no Chiado (1988).

A rememoração dos estabelecimentos comerciais da rua Garrett existentes no séc. XIX não pode deixar de ser também a da vida desse espaço, necessariamente enquadrada no tempo em que se inscreveu, mas acrescem agora as circunstâncias que traçaram o desaparecimento do que dele restava (ainda que com as diferenças decorrentes da evolução dos costumes e de todos os condicionalismos que resultam da passagem dos séculos), porque elas ditaram

uma profunda alteração que transformou a fisionomia daquela zona da Cidade. As fachadas dos antigos edifícios, as montras, os anúncios que exibiam, os pormenores dos seus interiores – quase tudo desapareceu ou está irreconhecível. Não será essa, porventura, uma das razões (e não será mesmo uma das principais?) por que tanto se tem escrito e publicado sobre a Lisboa de Oitocentos na última década e meia?

2. Dos finais de Oitocentos à 2ª década de Novecentos.

O início do século XIX que foi marcado, em Portugal, pela transferência da Corte para o Brasil, conheceu grandes alterações de carácter político e social resultantes de factores tão diferentes como a extinção das ordens religiosas, a organização partidária (cartistas, setembristas e outros) ou a ascensão da burguesia endinheirada. Na década de 60 (a partir de 1864), a cultura portuguesa recebeu forte influência francesa, a que entusiasticamente aderiu, ainda que demonstrando uma certa imaturidade ou impreparação, se tivermos em conta as incoerências que revelou. Eça de Queirós, que escrevera em 1888 que «Portugal é um país traduzido do francês em calão»⁹, foi considerado, em 1928, por Fernando Pessoa «um brilhante jornalista provinciano»¹⁰. As duas frases parecem excessivas, mas levam-nos a pensar que o comentário de Pessoa, tão depreciativo, se deverá ao facto de ter sido muito profundamente influenciado pela cultura inglesa (e Eça também o foi), mas que o “francesismo” que realmente se verificou em Portugal pode ter sido uma (paradoxal) procura de identidade nacional, na medida em que nos tornava mais diferentes dos espanhóis e dessa forma se afirmava como um “anti-iberismo” que sempre esteve latente em Portugal. No fundo, o “francesismo” permitia-nos saltar para lá das fronteiras ibéricas e traduzia uma sede de progresso e de civilização.

A moda não podia deixar de expressar o gosto pelas novidades que vinham de Paris.

⁹ Eça de Queirós, *A Correspondência de Fradique Mendes*, Lisboa, Livros do Brasil, s.d.

¹⁰ Fernando Pessoa, “O Provincianismo Português”, in *Textos de Crítica e de Intervenção*, Lisboa, Ática, 1980.

II. Revivendo o passado... ou um passeio pela rua Garrett

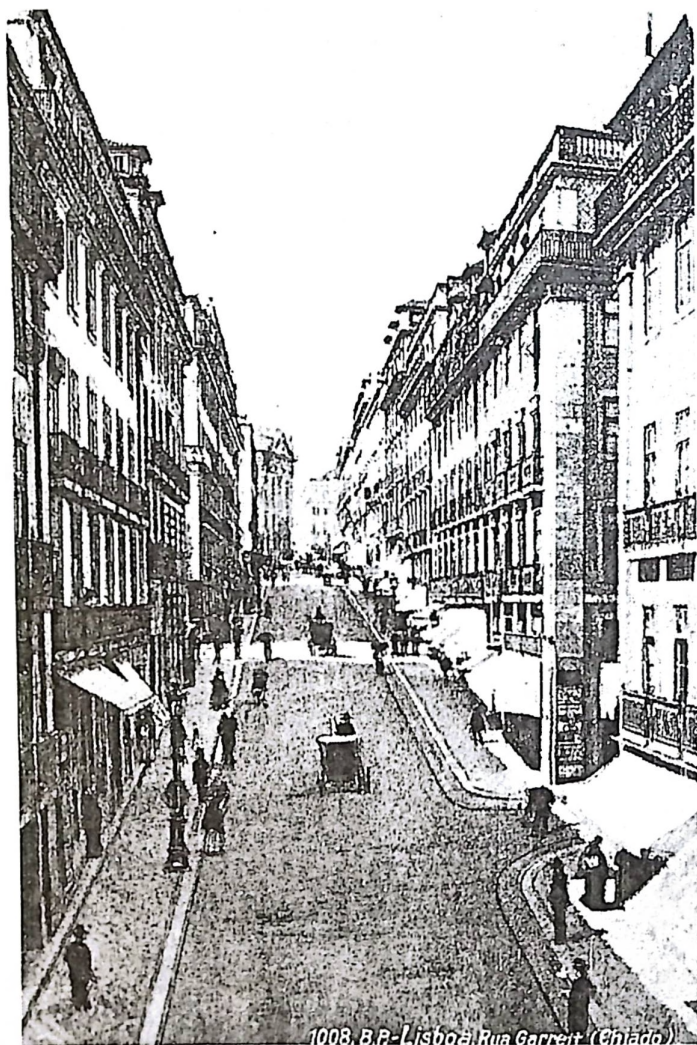


Fig. 4 – Perspectiva da rua Garrett (1906)

Os Grandes Armazéns do Chiado



Fig. 5 – Os Armazéns do Chiado e o Hotel de l'Europe.

O Convento do Espírito Santo da Pedreira que abrigava os padres oratorianos de S. Filipe de Néri¹¹ fora destruído pelo terramoto de 1775. Perdeu-se a rica biblioteca e um gabinete de Ciências Naturais da Congregação que, com os Jesuítas, tinha alcançado o maior prestígio na cultura portuguesa durante o séc. XVIII. Regressaram os padres à casa do Espírito Santo em 1833, tendo-se procedido à reedificação do convento e da sua igreja, mas já então eram vítimas da perseguição religiosa que marcou o reinado de D. José. No ano seguinte, com a extinção das ordens religiosas, o edifício foi posto à venda. Adquiriu-o o barão de Barcelinhos, Manuel José de Oliveira, negociante e

¹¹ É curiosa a história da instalação desta Congregação, conquanto não interesse directamente para este trabalho. Adianto apenas que, quando se constituiu, em 1654, tomou a designação de Nossa Senhora das Saudades e ficou instalada no Pátio das Comédias, na Boa Hora, um pequeno teatro que tinha sido “transformado” em igreja por uns missionários irlandeses que aí viviam, enquanto esperavam transferir-se para o Corpo Santo. Anos mais tarde, em 1671, foram doados aos Congregados a igreja e o hospício do Espírito Santo da Pedreira, que eram da Irmandade do Espírito Santo que manteve aí algumas instalações (vide Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, nova ed. dir. por Damião Peres, vol. III, Livraria Civilização, Porto-Lisboa, 1970, p. 96). Depois do terramoto e até 1833 permaneceram na sua casa das Necessidades que D. João V lhes doara, onde tinham constituído uma extraordinária biblioteca e uma escola de grande qualidade.

proprietário abastado conhecido por «Manuel dos Contos», devido à sua fortuna¹².

A exploração comercial do palácio deu origem à instalação sucessiva de vários hotéis, como o hotel dos Embaixadores, o de Gibraltar (1874-1883), o hotel Universal (1883- ?) e o Hotel de l'Europe¹³ (que se observa na fig. 5). Um violento incêndio em 1880 (29 de Set^o) tinha causado grandes danos no palácio, que implicaram a sua reconstrução, e, com os franceses Louis Boneville e Émile Philipot (Philipot & C^a), no ano de 1894, a C^a dos Grandes Armazéns do Chiado passou a ocupar a parte central do edifício, com secções de vestuário e de utilidades diversas, sob o lema *Bien faire et laisse dire*.

A forte concorrência dos *Armazéns Grandella*, criados nas imediações, revelou-se muito prejudicial, de tal forma que os do *Chiado*, em falência, foram absorvidos e arrendados na totalidade em 1899, pela firma Nunes dos Santos & C^a, que se constituíra no ano anterior com sede na rua de S. Nicolau e que já então ocupava uma parte do edifício. O seu lema passou a ser então *Ganhar pouco servindo bem*.

Depois foram sendo realizadas grandes obras de remodelação: o novo átrio, nomeadamente, datava de 1927 (com a aquisição), quando se transformaram a escadaria e a galeria. Os *Grandes Armazéns*, que tinham entrado em evidente decadência na 2^a metade do séc. XX, acabaram por ser leiloados em hasta pública em 1986, apenas dois anos antes do incêndio que os consumiu.

Quanto aos *Armazéns Grandella*, sabemos que tiveram uma secção de luvaria na rua Garrett¹⁴. Assim se cruza a história destas duas grandes lojas, razão pela qual me parece dever referir a segunda, ainda que não se situasse inteiramente naquela artéria. Na verdade, o *Grandella* teve uma origem muito diferente, porque correspondeu a um projecto do início do século, que foi

¹² Manuel de Oliveira morreu em 1847 e a viúva, aliás sua sobrinha, casou novamente, e depois de nova viuvez contraiu 3^o casamento, então com Carlos Ramiro Coutinho, visconde de Ouguela, título a que juntou o de 3^o barão de Barcelinhos. Esta nota justifica-se na medida em que Carlos Coutinho, homem culto, bacharel em direito, político e escritor companheiro de Camilo Castelo Branco, era filho de outro grande negociante da praça de Lisboa, Ricardo Sylles Coutinho. Tratava-se, portanto, de uma família de avultadas posses, a que aliou títulos nobiliárquicos, o que permite compreender a sua aquisição de um conjunto de imóveis tão extenso e valioso sem perderem de vista a possibilidade de aproveitamento rentável.

¹³ Onde se alojou a celebrada actriz Sarah Bernhardt (1844-1923), convidada a actuar em Lisboa pelo visconde de S. Luís de Braga.

¹⁴ Ver p. 38.

concebido por Georges Dermay. Francisco de Almeida Grandella (1852-1934) criou as suas primeiras lojas, «Fazendas Baratas» na rua da Prata, em 1876. Apenas dois anos mais tarde surgiram a «Loja do Povo», no Rossio, e «O Novo Mundo», na rua do Ouro; esta ascensão comercial (dupla ascensão, pois se encaminhava cada vez mais para o alto desta colina de Lisboa) culminou com a inauguração em 1907 (a 7 de Abril) dos novos *Armazéns Grandella*, ampliados num edifício de onze andares, que estabelecia a ligação interna entre a rua do Carmo e a rua do Ouro e que teve por modelo a loja *Printemps* de Paris¹⁵, apresentando à porta um mordomo de vistosa sobrecasaca vermelha. A loja, repleta de luzes, tinha colunas de mármore encimadas por capitéis dourados. As escadarias de ferro revelavam influência da Arte Nova e estabeleciam ligação entre as galerias; o elevador eléctrico, os revestimentos de espelho e os candelabros revelavam o luxo que ali se criara.

Mas os anúncios dos *Grandes Armazéns do Chiado* não deixam dúvidas sobre a grandiosidade que adquiriram e que amplamente se registam nos dois postais que reproduzimos (figs. 6 e 7), ambos editados por este estabelecimento:

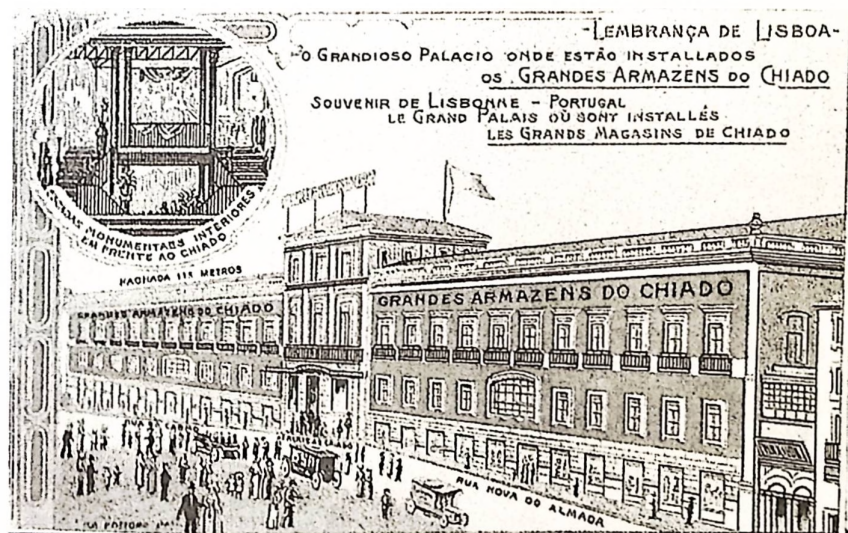


Fig. 6 - Os Armazéns do Chiado e o pormenor da escadaria interior (c. 1912)

¹⁵ Depois da reconstrução do Chiado na sequência do incêndio de 88, veio a instalar-se no local uma sucursal do *Printemps* !...



Fig. 7 - Os Armazéns do Chiado (c. 1920)

Este foi, certamente, o maior estabelecimento da zona comercial “chique” de Lisboa, pelo que lhe damos certo destaque neste trabalho, além de que encontrámos elementos interessantes alguns dos quais foram reproduzidos em obras diversas¹⁶. É o caso do *Catálogo de Novidades - Inverno de 1910*, publicado pelos *Grandes Armazéns do Chiado*, de que aqui reproduzimos a imagem de capa (fig.8).

Os *Armazéns do Chiado* chegaram a ter sucursais e agências em numerosas cidades do País, desde Braga a Faro, passando pelo Funchal, Ponta Delgada e Angra do Heroísmo, e conheceram no início do séc. XX a sua máxima expansão. Não havia capital de distrito que não tivesse os seus “Armazéns do Chiado” (fig.9).

¹⁶ Referimo-nos sobretudo aos trabalhos de Marina Tavares Dias que contém abundante informação sobre aspectos diversos da Lisboa Antiga.



Fig. 8 – Catálogo de Novidades dos *Armazéns do Chiado* (1910)

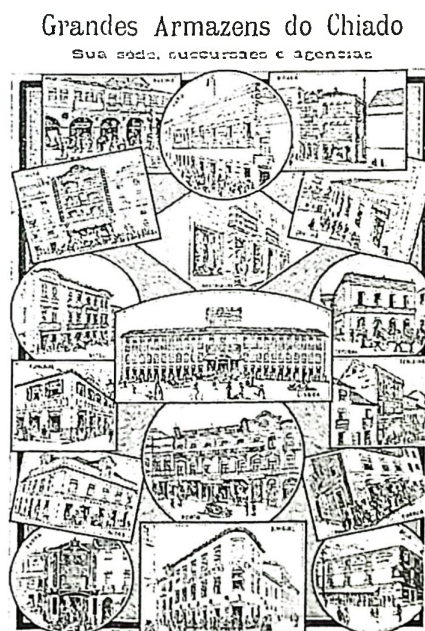


Fig. 9 – A expansão dos *Armazéns do Chiado*

Os Armazéns Eduardo Martins



Fig. 10 – Os *Armazéns Eduardo Martins* (o ângulo das duas frentes)

Estes Armazéns foram fundados em 1889 por David Eduardo Martins e a sua expansão revelou-se na ocupação das lojas do antigo edifício pombalino com frentes para a rua Nova do Almada e rua Garrett, onde ocupava os nºs 1 a 11. O edifício, que ainda existe, conservou a arquitectura original e aí se encontra hoje uma loja de moda que já nada tem que ver com o estabelecimento antigo, onde o atendimento seria mais atencioso e cuidado, para além da envolvimento “especial” que a decoração do interior acentuaria.

Eduardo Martins, nome por que ficou conhecido, tinha-se dedicado inicialmente à venda de tecidos, mas a evolução exigira que adoptasse também a moda do “pronto-a-vestir”. O deficiente conhecimento da sua evolução poderá ser completado, de certa forma, pela observação atenta das poucas fotografias existentes, que revelam grandes montras e a total ocupação de todos os espaços livres por placas publicitárias que atraíam a atenção de quem passava (*pannos, linhos e adamascados, vestidos e chapéus de crianças, enxovaes, rendas e bordados, modas e confecções, roupa*), enfim, uma panóplia de artigos que aqui eram vendidos. Este facto é mais um testemunho, evidente, da grande concorrência entre os estabelecimentos desta zona, e o *Eduardo Martins* situava-se mesmo em frente dos *Armazéns do Chiado*... Para o lado da rua Nova do

Almada, onde o declive era mais acentuado, janelões rectangulares encimavam as montras, e a fotografia que apresentamos (fig. 10) permite ver com nitidez as belíssimas varandas em ferro do andar superior, que do lado da rua Garrett ficavam completamente ocultas pela placa de “EDUARDO MARTINS & C^ª”, colocada a toda a largura do edifício (aliás, o mesmo se verificava no 2º piso, esse ocupado pela seguradora «A Luzitana» - cf. fig. 5). Um pormenor de arquitectura que registamos é o que se observa nas fotografias (figs. 10 e 11): os frontões ornados que encimam as placas rectangulares que ostentam o nome do estabelecimento e se encontram em posição invertida relativamente às janelas (lado esq. da fotografia seguinte).

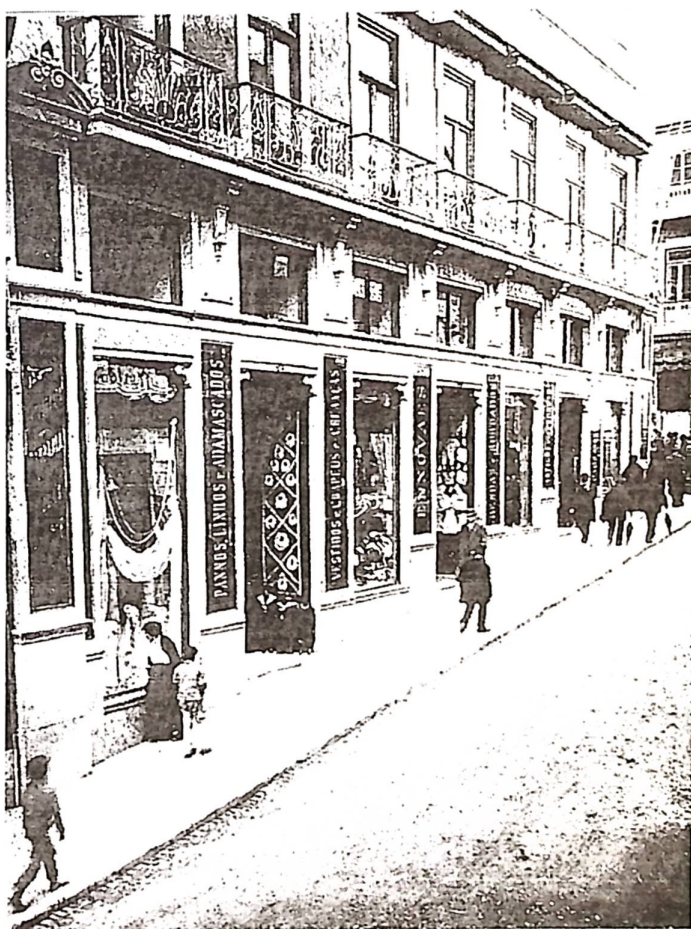


Fig. 11 - Os Armazéns Eduardo Martins (vista da rua Nova do Almada)

Estabelecimentos Jerónimo Martins



Fig. 12 – A *tenda* de Jerónimo Martins

Não sabemos quem “baptizou” os *Estabelecimentos Jerónimo Martins & F^o* de «altar ao estômago alfacinha»¹⁷, mas acreditamos que assim se fizesse justiça à excelência dos produtos alimentares aí vendidos. Começou o *Jerónimo Martins* por ser uma *tenda*, na antiga rua de S. Francisco, onde, em 1792, se estabeleceu o seu dono (que lhe deu o nome) vindo da Galiza, que aí vendia enchidos, sacas de trigo e de milho, molhos de velas de sebo, boticões de vinho, e tantos outros produtos. A rápida prosperidade do negócio tornou-o, em 1797, fornecedor de embaixadas e de navios que chegavam a Lisboa, e permitiu a sua mudança para a rua Garrett, onde já se encontrava em 1802, vindo a ocupar os n^{os} 13 a 17. No ano de 1858 foi o seu filho Domingos quem recebeu (Jerónimo Martins já tinha falecido) a desejada distinção de «fornecedor da Casa Real», por alvará do regente D. Fernando, que orgulhosamente era exibida numa das paredes exteriores, onde se encontravam também várias medalhas, conquistadas nas grandes exposições europeias, à semelhança do que fez também a *Nacional*,

¹⁷ Cf. Marina Tavares Dias, *Lisboa Desaparecida*, vol. 2, p. 135.

na rua da Betesga, que as mantém. Mas o estabelecimento já não era apenas «armazém de víveres», pois o negócio tinha-se alargado aos «artigos de novidade» (o que é uma constante na apelativa publicidade que encontramos), leques e perfumarias, que iam a par com as louças da China e Japão, o chá e os cafés.



Fig. 13 – O *Jerónimo Martins* na rua Garrett

Mais recente é o anúncio que apresentamos (fig. 14) porque considerámos interessante a sua concepção: o monograma obtido pela sobreposição das letras J e M, em que sobressai o equilíbrio de uma composição bastante linear, ficou ladeado pelas abreviatura F^o, do lado direito, e por um & demasiado redondo, do lado oposto, tudo inscrito num círculo; o aspecto mais “insólito” da composição é, no entanto, a representação do Mosteiro dos Jerónimos inserida num “medalhão” oval, que constitui uma alegoria ao nome do fundador da firma; finalmente, estamos já em presença de «papelaria e tabacos», artigos que ainda não tínhamos encontrado na publicidade deste estabelecimento.



Fig. 14 – Anúncio dos *Estabelecimentos Jerónimo Martins & F.º*

Quando Alexandre Herculano se fixou em Vale de Lobos, em 1859, dedicou-se ao fabrico de azeite, e o exclusivo da sua comercialização fora concedido a Jerónimo Martins. Daí que, em 1977, quando se comemorou o centenário da morte do escritor, se tenham exposto em duas das montras do estabelecimento vários documentos autógrafos e utensílios do lagar que tinham pertencido à sua Quinta da Azóia. Tudo se perdeu no incêndio de 1988, mas o *Jerónimo Martins* tinha sido entretanto “reconvertido” em supermercado.

A loja Ramiro Leão

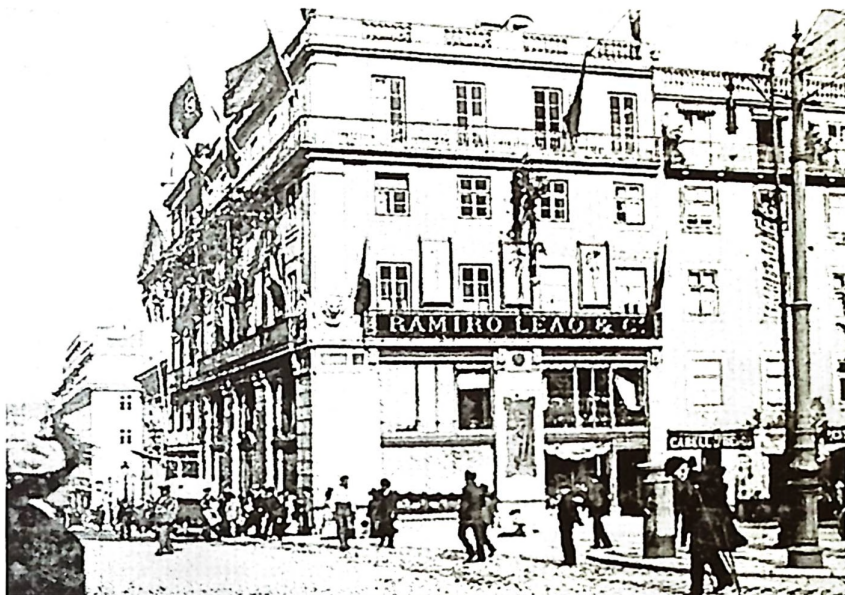


Fig. 15 – A loja Ramiro Leão

A loja *Ramiro Leão* foi fundada em 1880, por aquele que lhe deu o nome. O edifício tinha sido parcialmente ocupado, durante breves anos, pelo hotel *Borges*, que, ainda assim, não deixou de ser, também ele, uma referência na história do *Chiado*, pois aí recebeu figuras de renome como Bulhão Pato e Alexandre Herculano, para citar apenas dois. Em 1927, segundo projecto do arquitecto Norte Júnior, foram efectuadas obras de remodelação do edifício, de que Ramiro Leão já era proprietário, tendo adquirido os dois andares anteriormente ocupados pelo hotel e as pequenas lojas que se encontravam no restante espaço. Este comerciante, burguês abastado, veio a ser director da Associação Comercial e foi também um dos fundadores de uma fábrica de colarinhos¹⁸.

¹⁸ Uma nota que me parece ser interessante é a de que a *Engomadoria Ramiro* ficava na travessa da Pena, nº 2 a 8. Faziam-se aí os concertos e todos os trabalhos necessários à confecção. O edifício ainda existe, mas encontra-se em total degradação.

Situado na rua Garrett, na esquina para o largo do Chiado, o *Ramiro Leão* ficava um pouco acima da igreja dos Mártires, em frente da *Brasileira* e da *Havaneza*. Exteriormente, chamam a atenção as suas altas montras, janelas que chegam ao 1º andar. As duas cabeças de leão que ornaram a frontaria, à esquina, um que olha para o largo, enquanto o outro observa a rua, parecem guardar este “templo” da moda. A toda a largura, ao nível do piso superior, uma grande placa identificava o estabelecimento, e vários painéis (na fotografia são visíveis três), apresentavam os modelos da moda. No interior, há que referir as pinturas do tecto, que a actual loja¹⁹ conserva, bem como o elevador, um dos mais antigos da Europa, e um janelão de Arte Nova que iluminava a escada que permitia o acesso aos andares superiores.

A prosperidade do negócio, a necessidade de transportar as mercadorias e, talvez, o desejo de publicitar de forma mais exuberante o estabelecimento levaram Ramiro Leão a utilizar dois carros para o comércio, construídos por Anastácio Fernandes; o que transportava as confecções da fábrica para a loja, fazendo o percurso entre a Travessa da Pena e o Chiado, era puxado por dois cavalos, o outro, que talvez fosse utilizado para efectuar a entrega das compras no domicílio dos compradores, utilizava um só cavalo e tinha dimensões um pouco menores; lateralmente registavam o nome da loja, imitando uma hipotética assinatura, e atrás, na parte inferior das portinholas, a localização – Rua Garrett / Lisboa, tudo em diagonal, e à frente, junto do assento, as iniciais R.L. Ambos os carros foram oferecidos à colecção da Quinta da Margalha, na proximidade de Degraças, em Garvão, de onde era natural Ramiro Leão, bem como os seus descendentes, e pertencem hoje à colecção de José Hipólito Raposo. São esses carros que reproduzimos nas figuras seguintes.

¹⁹ Hoje está instalada no edifício uma loja da cadeia *Benetton*.



Fig. 16 – Um dos carros de comércio de *Ramiro Leão* (puxado por parelha)

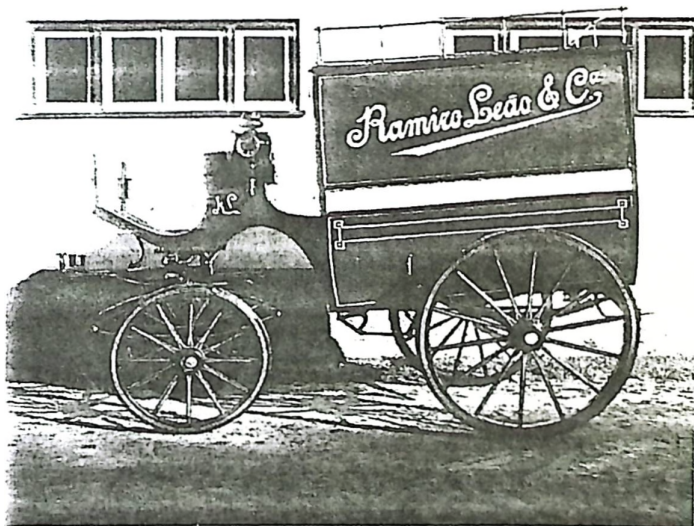


Fig. 17 – O mesmo carro (na parte dianteira as iniciais *R.L.*)

Paris em Lisboa



Fig. 18 – O *Paris em Lisboa* e a sua arrojada “palette”

«Paris em Lisboa» foi uma expressão que de forma muito exacta correspondeu ao objectivo desta casa, que se mantinha a par da moda parisiense (sinónima da arte de bem vestir), transpondo-a para Lisboa. Como sabemos, vestir bem constituía uma preocupação para quem pretendia desfilar no Chiado, zona da Cidade que foi muito cobiçada pelos comerciantes que ambicionavam abrir ali os seus estabelecimentos. Entre as várias casas de moda contava-se o *Paris em Lisboa*, casa fornecedora da rainha D. Amélia, pelo que, consequentemente, veio a granjear grande prestígio entre a nossa aristocracia. Eram seus proprietários Artur de Sousa e M. M. Pires Monteiro, os incansáveis obreiros do engrandecimento da sua casa, na rua Garrett, nº 77, que todos os anos visitavam os centros da moda, Paris e Londres, trazendo na bagagem as últimas tendências. O *Paris em Lisboa* confeccionava nos seus *ateliers* esbeltas *toilettes*, sob a direcção de dois parisienses que tinham a seu cargo as oficinas que ocupavam largo número de operários, tendo chegado a atingir cerca de 80 empregados.

A fama da casa levou à ocupação do rés-do-chão e do 1º andar do edifício. Na loja, no piso térreo, era feita a venda a retalho, enquanto no piso superior se vendiam as confecções. O *Paris em Lisboa* conseguiu a proeza de resistir aos tempos modernos e é um dos poucos estabelecimentos antigos que se mantêm. Deixou de ser, é certo, o centro lisboeta da alta moda, mas continua a seduzir aqueles que pretendem fazer compras para o lar, e tanto o bom gosto como o ambiente familiar parece não se terem “dissolvido” com o passar do tempo, pelo que valerá a pena passar lá um dia destes...

Conservam-se fotografias dos *ateliers* do *Paris em Lisboa*, fotografias que não revelam luxo nem instalações particularmente atraentes, mas que, ao contrário, parecem locais de trabalho simples e funcionais. Observámos algumas dessas fotografias que transmitem uma forte impressão de sobriedade muito austera e em todos os “cenários” existe um aspecto de eficiência, quer seja na «sala de moldes», onde existe uma ampla mesa de trabalho, um telefone, folhas para apontamentos penduradas na parede, um manequim, desenhos de modelos e caixas para chapéus entre outros objectos, quer seja na «sala de costura», onde o mobiliário parece ser o estritamente adequado e necessário, propiciando o trabalho atento e concentrado (fig. 19). Já na «sala de provas» o ambiente é de conforto e requinte, com grande profusão de espelhos e cortinados, e não faltam as plantas ornamentais.

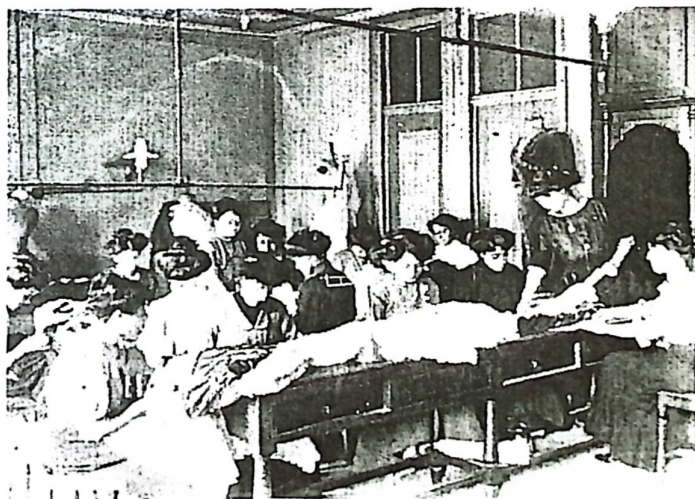


Fig. 19 – Aspecto de sala de trabalho do *Paris em Lisboa*.

A Pompadour



Prefira V. Ex.^a os Espartilhos e Cintas marca POMPADOUR pois só elas dão graça e elegância às «toilettes».

Casas de venda exclusiva

Lisboa

Nossa sede

A POMPADOUR

28, Chiado, 30

Porto

Nossa sucursal

ARMAZENS DA CAPELA

70, R. Carmelitas, 76

Fig. 20 – A Pompadour (1940)

Continuamos sob inspiração francesa com outro estabelecimento, a *Pompadour*, instalada nos n.ºs 28-30 da rua Garrett, onde anteriormente existira uma loja de cereeiro e depois a camisaria *Parisiense* (de José Rodrigues Pires). Estes antecedentes levam-nos a pensar que estas grandes mudanças não foram fruto do acaso: de facto, as lojas de cereeiro devem ter sido muito numerosas e, como vimos já, um dos produtos vendidos na *tenda* de Jerónimo Martins tinham sido as velas de sebo. Mas a iluminação a gás substituíra a antiga²⁰, pelo que a venda de velas, que se tinham tornado um produto secundário, deve ter diminuído e terá permanecido noutros locais “menos nobres” de Lisboa. Acerca da camisaria que substituiu a loja de cereeiro, é elucidativo o nome que apresenta,

²⁰ A iluminação pública a azeite surgiu em 1780, com Pina Manique, mas era um serviço demasiado caro. Os candeeiros a gás só surgiram em 1848 e os primeiros (26) foram inaugurados exactamente no Chiado, o que também deve ter contribuído para animar esta zona da cidade e dar-lhe condições para prolongar os dias nos cafés e nas tertúlias. A electricidade chegou em 1878, os candeeiros foram expostos em Cascais, mas a Casa Real permitiu que viessem para o Chiado no final do ano.

mas dela nada conseguimos saber nada. Ainda assim, a nova loja que a substituiu ostenta um nome que nos leva também a Paris... A loja, cuja fachada e interiores são de Raul Lino, apresentava três colunas estriadas, com capitéis, ao gosto neoclássico, e sobre a coluna central pode ver-se pendurado um grande medalhão que parece representar a mesma imagem feminina que se encontra fixada na coluna. A *Pompadour* vendia cintas e espartilhos, e publicitava, já nos anos 20, modelos diferentes segundo as diversas ocasiões (para baile, para *soirée*, para *sport*, para o trabalho, para a rua e para casa).

A Casa José Alexandre e o restaurante Augusto

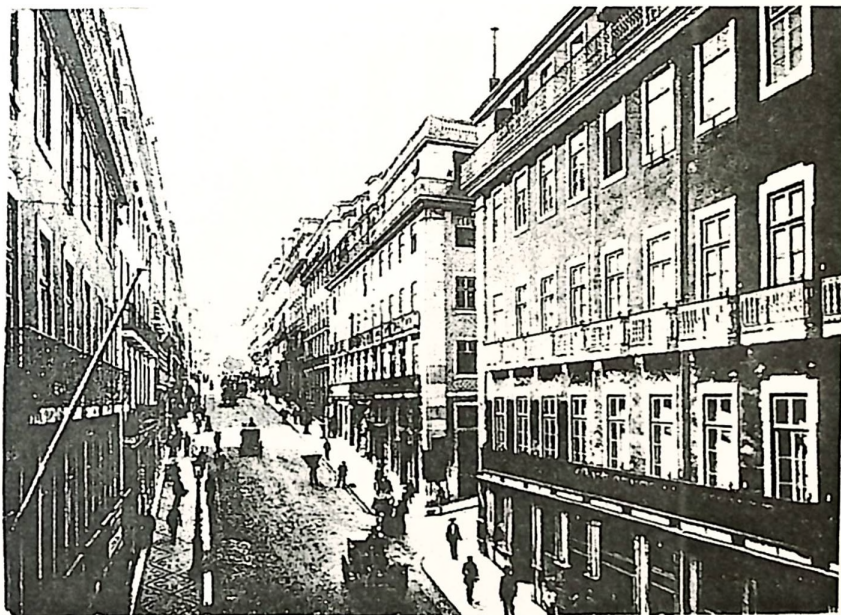


Fig. 21 – A Casa José Alexandre e o restaurante Augusto (1906)

Este estabelecimento foi fundado em 1833, para a venda de bugigangas, «hortaliças e flores em caixinhas»²¹, mas o seu comércio foi-se ampliando e

²¹ Marina Tavares Dias, *Lisboa Desaparecida*, vol. 2, p. 138.

diversificando, pelo que em 1890 se encontravam à venda vinho do Porto, perfumarias e artigos de *Christofle*, entre outros muitos diversos artigos. O proprietário era João José Alexandre de Oliveira, mas foi já com os seus herdeiros que a casa ocupou a maior extensão do piso térreo (do nº 8 ao nº 18), a que se seguiu o 1º andar, que fora em tempos ocupado pelo restaurante *Augusto*, fundado em 1906 pelo *maître d'hotel* José Jorge Augusto do Carmo.

Na fotografia vêem-se, à direita, as montras da *Casa José Alexandre* e, ao tempo (1906), ainda existia o restaurante no piso superior. Fotografias posteriores, já dos anos 40, mostram a ocupação das lojas do lado da calçada do Sacramento e do 1º andar do edifício, em cuja varanda fora colocada uma tabuleta que anunciava a «Antiga Casa José Alexandre». Este quarteirão da rua Garrett foi um dos que foram consumidos pelo incêndio de 1988.



Fig. 22 – O edifício da *Casa José Alexandre* (anos 60)

A Livraria Bertrand

Na 2ª década do século, a maior parte das livrarias situava-se em Lisboa, entre a Baixa e o Chiado. A *Bertrand* foi uma das que resistiu às pressões do tempo e, sem dúvida, podemos considerá-la uma das mais antigas “pontes” entre o presente e passado no que toca à divulgação da cultura: Bocage, Filinto Elísio, o grupo dos «Vencidos da Vida», e outros de fases posteriores, sejam Aquilino, Raul Brandão ou António Sardinha, todos eles membros de uma elite cultural que marcou profundamente os séculos XIX e XX, passaram pessoalmente por aqui e aqui continuam presentes na obra que legaram. Aquilino Ribeiro foi um dos mais constantes frequentadores da livraria, o que perdurou na designação que é dada a um espaço que se encontra na 1ª sala, do lado direito: o «cantinho do Aquilino», espaço pelo qual outros terão também manifestado preferência, já que aí podiam conversar tranquilamente sentados.



Fig. 23 – Medalhão de Bertrand (1732)

A *Bertrand* tinha sido fundada por Pedro Faure, cuja filha casou com Pierre Bertrand, também ele livreiro, e instalara-se na rua Direita do Loreto, em 1732. Com o terramoto de 1755 a livraria sucumbiu, mas, depois de alguns anos de ausência do Chiado, viria a reinstalar-se na rua Garrett. A família

Bertrand, com raízes no meio livreiro, cruzou-se com outra família de livreiros, os Martin, numa nova aliança familiar, pois foi João Augusto Martin quem, no ano de 1875, trespassou a livraria ao conselheiro Augusto Saraiva de Carvalho. Depois da morte deste, a Bertrand conheceu um novo proprietário com o Dr. Mendonça Cortês que a cedeu, em 1893, a José Bastos.

A crise económica que se fazia sentir terá justificado a constituição de uma sociedade (com Artur Brandão), passando a livraria a designar-se José Bastos & C^a, mas em 1931 retomou o nome original. Por outro lado, a Bertrand tornou-se também editora e iniciou a publicação de obras de autores nacionais e estrangeiros que aqui podiam ser procurados e adquiridos, bem como a de um útil e famoso almanaque anual. O primeiro número do *Almanaque Bertrand* saiu em 1900 e a ideia da publicação partiu de José Bastos, como forma de comemorar a saída das dificuldades que a livraria tivera. Embora a *Bertrand* continue a ser uma das nossas mais importantes livrarias e se encontrem filiais por todo o país, o almanaque deixou de publicar-se a partir de 1969.

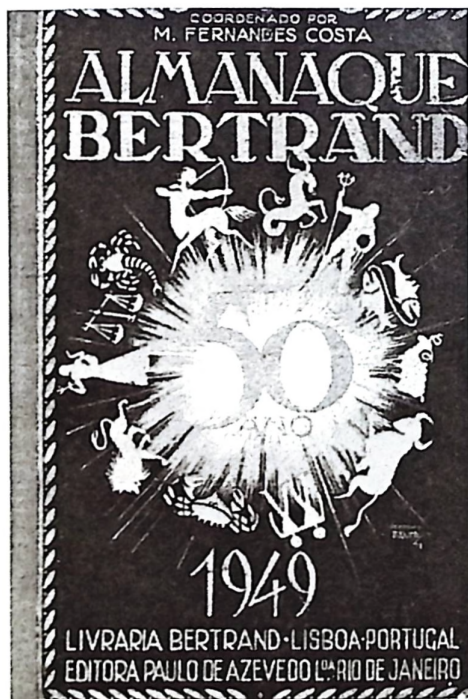


Fig. 24 – *Almanaque Bertrand* de 1949 (50º ano).

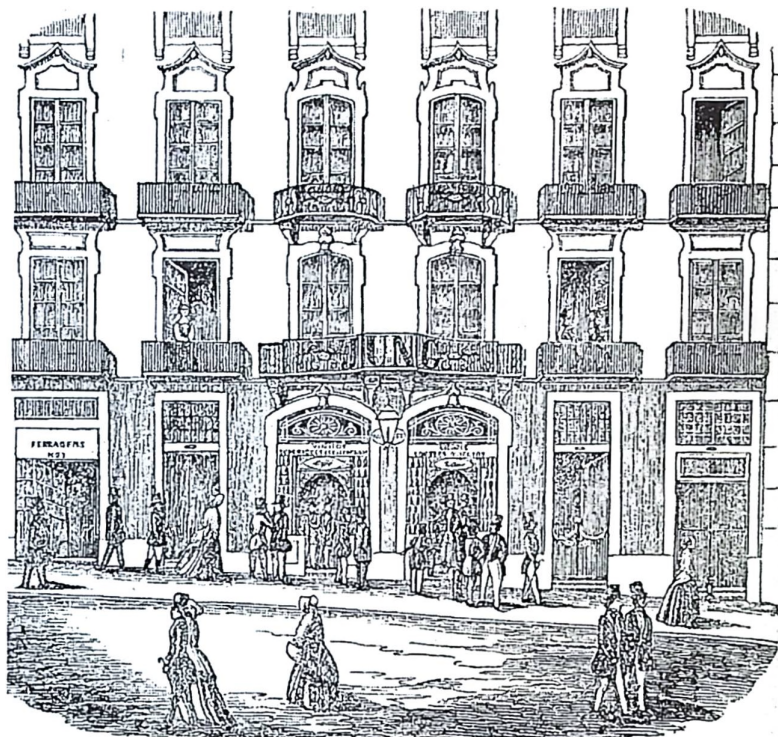


Fig. 25 - O Marrare «do polimento»

Nos nºs 58-60 da rua Garrett estabeleceu-se o *Marrare* «do polimento», que assim se distinguia de outro do mesmo proprietário, o *Marrare* «das sete portas» na rua do Arco do Bandeira. Foi local de encontro, por excelência, do grupo que integrou a chamada «1ª geração romântica», de que sobressaíram Almeida Garrett e Alexandre Herculano, e foi também o café da Lisboa de José Estêvão (político, 1809-1863) e de Luiz Mendes de Vasconcelos, considerado um dos maiores *dandys* do seu tempo. Que foi um espaço da sociabilidade política e cultural da época não restam dúvidas:

«Lisboa era o Chiado; o Chiado era o Marrare; e o Marrare ditava a lei» são palavras de Júlio de Castilho²².

²² Júlio de Castilho, *Lisboa Antiga-Bairros Orientais*, vol. VIII, p. 207.

Marrare era o nome do seu proprietário, um italiano, obeso (segundo os que tinham conhecido), que parecia meio adormecido e “presidia com olhinhos de entendedor esperto à faina dos cafés e dos licores”²³.

O café foi inaugurado em 1820 e era o estabelecimento mais requintado dos quatro que o seu dono tinha aberto em Lisboa, sendo indispensável o uso de libré para os criados. Possuía uma sala de bilhar e um pátio coberto, onde no Verão, eram servidos gelados.

O andar superior era ocupado pelo alfaiate *Jung*, um alemão, que se anunciava como “o rei dos alfaiates” e que, pelo menos, foi alfaiate de reis...

A reprodução que apresentamos permite ver as duas portas – a do «Caffé» e a do «Bilhar» - a que se sobrepuseram os letreiros em que se lê «VINHOS SUPERIORES ENGARRAFADOS» e «LICORES E OUTROS [...]»; era essa a parte central do edifício, a avaliar pela amplidão das portas e decoração superior, mas também pela varanda do 1º andar, que abrange duas janelas. O *Marrare* veio a ser fechado em 1866, pelo que não chegou a celebrar 50 anos e não sabemos a razão deste facto, mas dele ficou uma imperecível lembrança. Em 1887 no mesmo local estabeleceu-se uma chapelaria de A. Ribeiro. Anos mais tarde foi a vez do Café *Chiado*, aberto entre os anos de 1925 e 1963.

²³ Id, *Ibid.*, p. 208.

A Brasileira



Fig. 26 – Aspecto do interior de *A Brasileira* ²⁴

Continuando a subir a rua Garrett, pelo lado direito, somos chegados à *Brasileira*, uma das “instituições” do Chiado que desafiou o tempo e chegou aos nossos dias, ainda que seja uma sombra do que foi e os seus frequentadores sejam bem diferentes. A *Brasileira*, cujo fundador foi Adriano Teles, o maior exportador de café desse tempo, é, realmente, um dos locais mais simbólicos da rua Garrett e de Lisboa.

Foi restaurada e ampliada em 1905, data da licença concedida a Teles & C^a «mercador de chá e café por meudo» com depósito na rua da Trindade, n.º 18 (cf. «Licenças para estabelecimentos»). A ampliação de 1908 converteu-a em elegante «sala de café». A fachada *Arte Nova* foi desenhada em 1922 por Raul Lino e o café recebeu uma decoração *fin-de-siècle* sob orientação do arquitecto Norte Júnior. Com essa decoração de 1924-25, a *Brasileira* tornou-

²⁴ Trata-se de uma imagem da *Brasileira* do início do século: notam-se os longos aparadores, as estantes repletas e um vistoso candeeiro de tecto neste estabelecimento que oferecia aos clientes uma chávena de café para comprovarem a sua qualidade.

se um salão de café elegante e requintado, apresentando revestimentos de talha dourada, espelhos e mobiliário de carvalho «Renascença», e converteu-se numa espécie de “museu de arte moderna” ao expor as onze telas de Almada Negreiros, que muita polémica suscitaram. Este foi um dos cafés mais carismáticos de Lisboa, centro de tertúlia, ponto de encontro dos “notáveis” da vida cultural, como eram aqueles que integravam o grupo do «Orfeu», Almada Negreiros e Fernando Pessoa, mas também Jorge Bandarras, António Soares, Eduardo Viana e Stuart Carvalhais.



Fig. 27 – Expressivo anúncio de *A Brasileira*.

As imagens seguintes apresentam duas realidades muito diferentes, que demonstram a verdadeira transformação por que passou a *Brasileira*. Na primeira vemos as montras laterais, grandes, abertas à curiosidade dos que passam e vêem os produtos expostos, as linhas direitas, as colunas sóbrias e os caixotões decorados, quase iguais aos de outros estabelecimentos. Porém, na segunda, estamos perante um estabelecimento inteiramente novo, em que predomina o vidro, os espelhos e os ornatos. Um pormenor a notar é o facto de se mostrar sobre a porta, numa espécie de moldura feita com motivos vegetais o anúncio que acima reproduzimos.



Fig. 28 – *A Brasileira*, ao lado da «retrozaria» *David & David*
(1ª metade do séc. XX)



Fig. 29 – Aspecto actual de *A Brasileira*

A Havaneza e o Hotel Alliance



Fig. 30 – A Havaneza e o hotel Alliance

A *Maison Havanaise* foi fundada em 1865 e abriu as suas portas com venda de tabacos da Comp^a do conde de Burnay e do seu sócio Ernesto Empis. O Hotel Alliance, que ocupava o espaço superior, tinha sido inaugurado em 1864²⁵. A rápida expansão do estabelecimento, sinal de sucesso, levou à ocupação de mais cinco portas e à diversificação dos produtos vendidos – todos os tipos de tabaco, charutos de Havana, cigarrilhas, cachimbos e um sem-número de utensílios para fumadores. Mas era também na *Havanese* que se colocavam, suspensos numa tabuleta, os telegramas da agência *Havas* (nascida em Paris no ano de 1835, ainda que já se encontrasse em funcionamento desde 1832), e foi este o 1º estabelecimento comercial a receber a 1ª estação telefónica pública. Depois, à fama da *Havanese*, tantas vezes referenciada nas obras de Eça, aliou-se o facto de ser um local privilegiado de convivialidade, mesmo ao lado da *Brasileira*.

²⁵ Este hotel fechou em 1936.

A Estrela Pollar

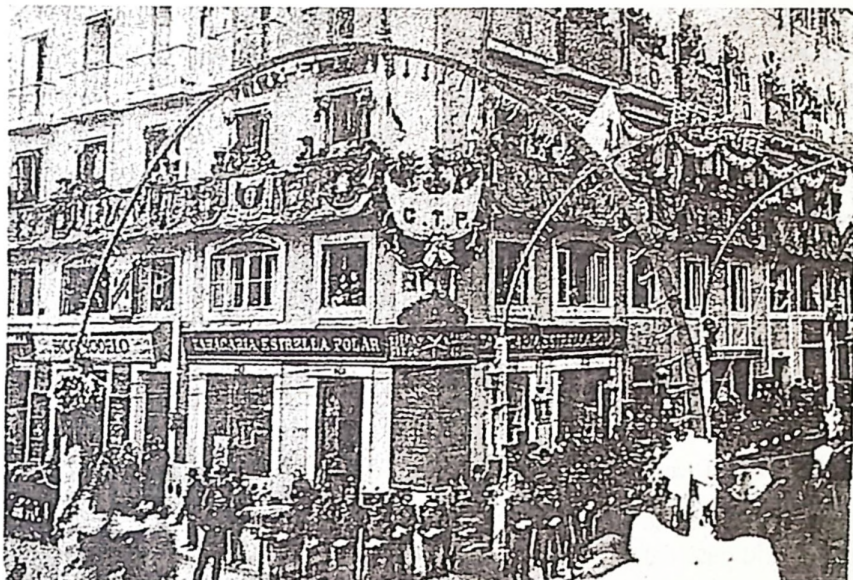


Fig. 31 – A tabacaria *Estrella Pollar*

A tabacaria de Z. Wimmer & C^a seria, de certa forma, concorrente da *Havaneza*, mas não teve a mesma projecção. Ainda assim, parece ter sido a preferida pelo rei D. Carlos que aqui se abastecia dos seus charutos. Instalada desde 1912 no edifício que fazia esquina com a rua Ivens, fronteira à pastelaria *Marques*, fechou em 1963. Não pudemos estabelecer a data em que foi feita a fotografia que apresentamos, mas é de notar que a rua Garrett estava profusamente engalanada com arcos, as varandas eram ocupadas por pessoas que assistiam a alguma cerimónia pública e estavam cobertas com o que parece serem bandeiras, além de que na rua se encontravam militares. Na esquina do edifício vemos as siglas C.T.P. que não identificámos. O aparato a que assistimos recorda-nos outras fotografias que registam as celebrações de 1880, quando se assinalou o 5º centenário da morte de Camões e se efectuaram grandes manifestações de carácter patriótico.

As confeitarias Marques, Bénard e Garrett

Fizemos acima uma alusão à pastelaria *Marques*. O Chiado foi também celebrado pelas suas confeitarias que não devem deixar de ser “visitadas” neste percurso, ainda que tenhamos obtido muito poucos elementos úteis. A *Marques* fora fundada, em 1903, pela firma Manuel Marques & C^a, num edifício que tem interesse histórico por ter sido residência do marquês de Niza, e onde estiveram também instaladas a *Casa Sabóia*, a *Perfumaria Francesa* e o *Turf-Club*, entre outros. No decurso dos anos aumentou a sua área e chegou a ocupar os n^{os} 66 a 78, dispondo de um grande salão para banquetes. Foi um dos edifícios afectados pelo incêndio de 1988 e hoje, recuperado, encontra-se aí uma galeria comercial. No que respeita à *Bénard*, fora fundada por Élie Bénard em 1868, na rua do Loreto, de onde passou para a rua Garrett (n^{os} 104-106), em 1902²⁶, mantendo-se na família, que fundou, também no Chiado, uma loja de brinquedos e outros artigos para crianças, já desaparecida. Quanto à *Garrett*, existe a informação de ter transitado para esta rua em 1885, vinda da rua dos Capelistas; mas também existiu uma confeitaria com esse nome no que é o actual largo do Chiado. Uma confeitaria *Garrett* esteve instalada no edifício onde se encontra o hotel Borges, entre os anos de 1918 e 1934.

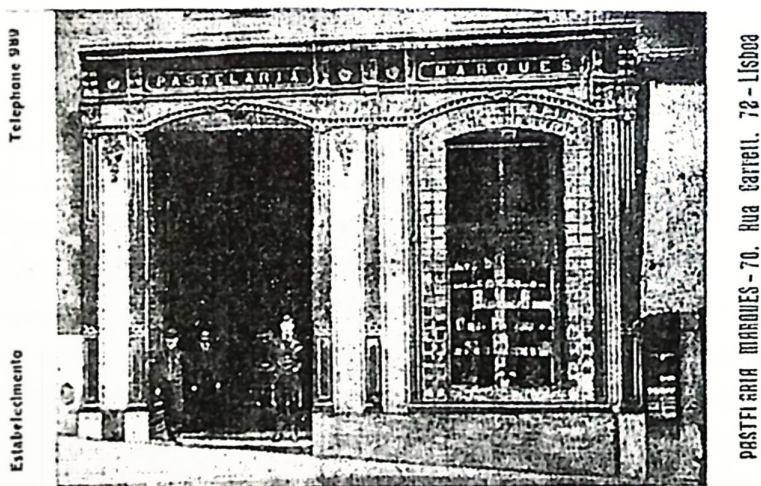


Fig. 32 – A pastelaria Marques

²⁶ Nas licenças para estabelecimento encontramos uma, concedida a Élie Bénard em 1888, para loja de perfumaria na rua Garrett, 76-78 (cf. p. 39).



DU
Lunch 27 Avril 1916

CHAUD

Consommé à la Royale
Feuillantine à la Milanaise
Croquettes de poulette truffée
Belgrets de soles à la moderne

FROID

Galantine de chapon mardrée
Jambou d'York à la gelée
Filets de Bœuf glacé aux cressons
Sandwichs variées

Glace vanille

ENTREMÉT

Moscovites à la vanille
Amandines au chocolat
Petits fours à la Française
Surprises à la Portugaise
Fruits glacés à l'Italienne
Cerises et Muscats déguisés
Bonbons Marquis

Café

Vins, liqueurs et Champagne

PAISSERIE BÉNARD
Rue Garrett, 106



Fig. 33 – Menu da Pastelaria Bénard para 27 de Abril de 1916.

Alguma documentação: as licenças para estabelecimento

Numa das várias pesquisas efectuadas nos arquivos da Câmara Municipal de Lisboa, consegui obter, depois de vários insucessos, uma pequena vitória que foi a de poder fotocopiar algumas «licenças para estabelecimentos» situados na rua Garrett. Muitos deles não deixaram vestígio e não encontrei a menor referência que pudesse conter uma indicação mais exacta. São algumas dessas licenças que reproduzo neste trabalho (p.39).

Como se vê, existiram dois tipos diferentes, mas ambos seguem a postura de 16 de Dezembro de 1883. As mais antigas licenças (todas se referem ao ano de 1888), em fichas de maior dimensão, registam ao alto a instituição que

concede a licença (a Câmara Municipal), bem como as indicações respeitantes à localização: bairro, paróquia civil, freguesia, rua e o número; depois, são as indicações do nome do proprietário, a natureza dos artigos vendidos, da taxa anual a pagar, da renda anual do estabelecimento e da taxa semestral. As fichas mais recentes (de 1903 e 1905), de menor dimensão, indicam dois números - o da licença reformada e outro, novo -; quanto à localização, anotam o bairro, a freguesia, a rua e o respectivo número, ou seja, desapareceu a paróquia civil; indica-se a classificação do estabelecimento, que refere a natureza dos artigos vendidos, a renda anual, o nome do proprietário que pagou a licença, a taxa semestral a pagar, o emolumento, o preço do impresso e o selo, o que significa que, entre 1883 e 1903, um período de 20 anos, o aumento do custo de vida tinha sido algo pesado e que a burocracia começava a fazer-se sentir também. cremos que aqui se traduz já uma alteração no que se refere à organização administrativa, com a extinção das juntas de paróquia.

Os estabelecimentos mencionados são: *Grandella & Comp*ª, luvas, rua Garrett, 81-89, freg. de Mártires, 1888; *Carlos (?) do (?)zyolo*, quinquilharia, rua Garrett, 20-24, freg. de Sacramento, 1888; *Élie Bénard*, perfumarias, rua Garrett, 76-78, freg. de Sacramento, 1888; *António de Mattos Antunes*, molduras e estampas, rua Garrett, 88, freg. de Sacramento, 1903; *Adolphe Malbonisson*, luvaria, rua Garrett, 54, freg. de Sacramento, 1903; *Augusto Feyo Soares de Azevedo*, (?), rua Garrett, 20-24, freg. de Sacramento, 1903; *Joaquim Duarte Dias*, tabacos e câmbios, rua Garrett, 76-78, freg. de Sacramento, 1903; *Martim Júnior* (?), armazém de (?) a miúdo, rua Garrett, 112-114, freg. de Sacramento, 1905; *Luís Francisco Silva*, barbeiro com perfumarias, rua Garrett, 41, freg. de Mártires, 1905; *César Guimarães*, camisaria, rua Garrett, 42, freg. de Sacramento, 1905; e, finalmente *A. Teles & C*ª (da *Brasileira*), mercadores de chá e café por miúdo, rua Garrett, 120-122, freg. de Sacramento, 1905.

De notar que a loja de quinquilharia foi substituída sete anos depois (os nºs 20-24), tal como as perfumarias de Élie Bénard deram lugar aos tabacos e carimbos de J. Duarte Dias. Por outro lado encontrámos também a ficha da licença concedida à *Brasileira*.

POSTURA DE 16 DE DEZEMBRO DE 1886

Licença reformada N.º *1107* Licença N.º *1107*

Bairro *Alfama* Freguesia *Alfama*

Local *Rua Garrett* N.º *1107*

Classificação do estabelecimento segundo a matriz da contribuição industrial *Alfama*

Renda anual *1200*

Avaliação da parte destinada a habitação *1200*

Importância sobre que recai o imposto *1200*

Pagou *1200*

Taxa correspondente ao 2.º semestre *1200*

5 % de cobrança domiciliaria *1200*

Emolumento *1200*

Impresso *1200*

O Chefe, *1200*

LICENÇAS PARA ESTABELECIMENTOS
2.º SEMESTRE DE 1907

POSTURA DE 16 DE DEZEMBRO DE 1886

Licença reformada N.º *1107* Licença N.º *1107*

Bairro *Alfama* Freguesia *Alfama*

Local *Rua Garrett* N.º *1107*

Classificação do estabelecimento *Alfama*

Renda anual *1200*

Avaliação da parte destinada a habitação *1200*

Importância sobre que recai o imposto *1200*

Pagou *1200*

Taxa correspondente ao 1.º semestre *1200*

5 % de cobrança domiciliaria *1200*

Emolumento *1200*

Impresso *1200*

O Chefe, *1200*

LICENÇAS PARA ESTABELECIMENTOS
1.º SEMESTRE DE 1907

CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA

LICENÇA PARA ESTABELECIMENTOS

00710

Paróquia civil do *Alfama* Freguesia *Alfama*

Bairro *Alfama* N.º *1107*

Local *Rua Garrett* N.º *1107*

Classificação do estabelecimento *Alfama*

Renda anual *1200*

Avaliação da parte destinada a habitação *1200*

Importância sobre que recai o imposto *1200*

Pagou *1200*

Taxa correspondente ao 1.º semestre *1200*

5 % de cobrança domiciliaria *1200*

Emolumento *1200*

Impresso *1200*

O Chefe, *1200*

Fig. 34 – Algumas “Licenças para Estabelecimentos” na zona do Chiado.

Anotações sobre aspectos da moda e da vida em Lisboa na viragem do século

Em cerca de três quartos de século registaram-se alterações sensíveis na moda, que foram o espelho dos acontecimentos políticos e sociais que se verificaram nessa época de profundas mudanças. A moda reflecte os hábitos de vida, os contactos sociais e o grau de desenvolvimento de um povo e faz, naturalmente, parte da sua História.

O traje masculino, no séc. XIX, foi o conjunto de casaca, colete e calças, embora tenha sofrido algumas alterações: a casaca podia ser curta à frente, cintada e cruzada no peito, as mangas eram estreitas; o colete, que às vezes era mais comprido à frente do que a casaca, tendeu a encurtar-se e a ser confeccionado com tecido de cor, ainda que o preto fosse a cor dominante no conjunto e a preferida pelos Românticos. Um quadrado de tecido fino, dobrado na diagonal, envolvia o pescoço e as pontas mais ou menos curtas eram atadas à frente com um nó que podia ser coberto por uma roseta. As calças usavam-se justas, abaixo do joelho, e eram apertadas de lado com botões. Depois tornaram-se muito compridas e esticadas por uma tira de couro que as prendia por baixo do calçado. As botas de cano alto e os sapatos muito abertos caíram em desuso e deram lugar a botins estreitos e sapatos afilados. O chapéu, “matéria-prima da civilidade”, era o complemento indispensável, geralmente de caixa alta e aba estreita.

No que respeita à moda feminina, verificava-se o gosto pela ostentação e profusão de ornamentos: os penteados eram muito elaborados e enfeitados, tal como os chapéus, com flores e plumas; os vestidos eram volumosos e compridos, tinham folhos e enfeites de flores, a cintura era estreita (o uso dos espartilhos já foi evidenciado quando “passámos” pela *Pompadour*), mas os ombros pareciam muito largos. Aliás, as mangas parecem variar entre o amplo e o justo, mas os decotes são pequenos.

Nas duas décadas iniciais do séc. XX o vestuário tornou-se burguês, predominando ainda a moda francesa, mas gradualmente simplificou-se e tornou-se menos caro, mais acessível e descontraído, sem deixar de elegante. A mulher continuou a usar espartilho, mas podia já substituir o vestido por duas peças separadas, usando a saia até ao tornozelo. Como agasalho encontram-se casacos, capas e regalos, chapéus e luvas.

Depois, a partir dos anos 20, as mudanças no vestuário foram muito maiores e a mulher começou a usar casaco curto e saia cada vez menos comprida, mas mais justa. Para o homem, a moda ditava o uso de fato e colete, devendo o casaco, sobrecasaca ou fraque ser adequados à ocasião; a camisa tinha colarinho e punho abotoados; os chapéus também variavam entre o chapéu alto, de coco ou mole, que continuaram a ser acessório indispensável, bem como as luvas; aparecem igualmente a gravata, o laço, o *plastron*²⁷ e o cachecol. A bengala era um acessório de bom-tom, e a fazer parte de todo este conjunto o uso de bigode, associado à barba ou não, era predominante.

Quanto aos chapéus, havia todas as formas - volumosos, ornados com laços e penas - para todos os gostos e posses. Escreveu Rodrigo Velloso em *Aspectos de Lisboa*, retrato dos hábitos lisboetas, que no «Chiado ou rua do Ouro (...) desde as três às cinco horas da tarde (...) ha um incessante vae vem de damas que então percorrem uma e outra d'essas ruas» e, referindo-se aos chapéus: «há-os á de boca de sino, há-os á moujik, há-os á turca, há-os á liliput, e sobretudo de dimensões tão extraordinárias, podendo bem chamar-se de arreda! que um periodicista inventou que nos caminhos de ferro da Suissa, taes chapéus não eram admitidos nas carruagens de passageiros mas removidos para vagões de bagagens, sob a denominação de «rodas de automóveis»». Estes comentários não devem ser desprovidos de verdade, a julgar pelos modelos que apresentamos²⁸:



Fig. 35 – Modelos de chapéu para senhora
(da esq. para a dir.: *toquet*, *capeline* e *niniche*)

²⁷ O *plastron* era um peitilho, uma espécie de gravata que cobria o peito.

²⁸ Estes três modelos fazem parte do *Catálogo dos Armazéns do Chiado* para o Inverno de 1910.



Fig. 36 - Moda masculina (1840)



Fig. 37 – Moda feminina (1839)

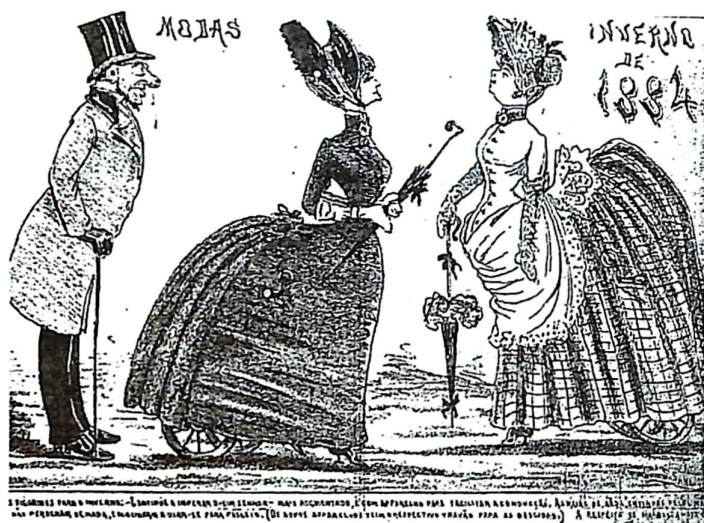


Fig. 38 - Desenho satírico sobre a moda feminina (1884)

Neste desenho humorístico referente à moda feminina diz a legenda: “Novos figurinos para o Inverno: - Continua a imperar o – sim senhor – assim aumentado, e com aparelho para facilitar a condução. As meias de seda enfiadas pelas mãos ainda não perderam de moda, e continuam a usar-se para passeio (os novos aparelhos têm o respectivo travão para as descidas.) A respeito de maridos a moda continua a preferir os velhos ricos...”



Fig. 39 - Figurino

.....
Contam que tens um modo altivo e sério,
Que és muito desdenhosa e presumida,
E que o maior prazer da tua vida,
Seria acompanhar-me ao cemitério.

Chamam-te a bela imperatriz das fátuas,
A déspota, a fatal, o figurino,
E afirmam que és um molde alabastrino,
E não tens coração como as estátuas.

.....
Cesário Verde, excerto de "Vaidosa",
in *O Sentimento de Um Ocidental*.

Vendedores ambulantes: o «outro lado» do comércio ou «sobreviver na rua» ?

Em muitas das fotografias do Chiado notámos a presença de vendedores ambulantes. Eles passam ao lado das lojas que deram fama à rua Garrett, rua comercial e elegante, mas parece injusto ignorá-los, a esses que palmilhavam todos os cantos da capital e se faziam anunciar com os seus famosos pregões. Muitos eram os que, de uma outra forma, “coloriam” Lisboa na viragem do século: as varinas, as mulheres que vendiam fava, os aguadeiros, os leiteiros, os ardinhas e muitos mais. Hoje já não se ouvem pregões e não se vêem esses vendedores, mas apareceram outros que vendem à porta do Metro e pelas ruas de toda a cidade artigos de outra natureza.

A fotografia continua a ser uma das melhores fontes para a análise da nossa sociedade e sem ela este trabalho não teria sido possível. Uma das fotografias que me chamou a atenção captou um encontro entre duas pessoas: uma mulher vestida de preto com uma cesta à cabeça, numa atitude típica da vendedora, fala com um homem que, pela roupa, parece ser vendedor de carne; à direita, a esquina do *Paris em Lisboa* e, subindo a rua, atrás do carro de transporte de mercadorias, o homem da cesta com a bolsa a tiracolo, que talvez seja um padeiro, muito semelhante ao que vemos na fig. 41.



Fig. 40 – Um encontro... “derriço” ?

Uma grande parte do comércio de produtos alimentares fazia-se nos mercados e nas feiras, mas a venda ambulante nas ruas da cidade era uma constante. Das várias imagens possíveis escolhemos quatro: o saloio, vendedor de leite e queijos, com os animais que transportam os seus produtos (fig. 41), o padeiro com o cesto que apoia nos ombros e prende com duas correias (fig. 42), o vendedor de peixe, com uma indumentária própria e descalço (fig. 43) e o «galego», que transportava ao ombro um cesto grande (fig. 44).



Fig. 41 – O saloio, vendedor de fruta



Fig. 42 – O vendedor de peixe



Fig. 43 – O padeiro

Creio que uma das mais interessantes «figuras típicas» conhecidas em Lisboa seria a do galego, carregador. Na verdade não se tratava de um «vendedor», no sentido usual do termo, mas também não deixava de o ser se pensarmos que vendia a sua força e os seus serviços como moço de recados.

Júlio de Castilho diz que, no séc. XIX, era dada à placa central onde se encontra hoje a estátua do poeta Chiado, a designação de «*ilha dos galegos*», por aí fazerem praça alguns cidadãos de Tuy, aguardando que os chamassem para recados ou transportes»²⁹.

Marina Tavares Dias conta que o marquês de Niza³⁰, morador no edifício onde se encontrava a pastelaria *Marques*, mandara chamar os galegos que por ali passassem e os obrigara a saltar da janela do 1º andar para a rua, dando-lhes depois moedas de ouro, que não foram recebidas porque os galegos tinham fugido...

²⁹ Júlio de Castilho, *Lisboa Antiga-Bairros Orientais*, vol. VIII, p. 209.

³⁰ Foi o 9º marquês de Niza, D. Domingos Silveira e Sousa (1817-1873), excêntrico e boémio, fundador da "Sociedade do Delírio", onde se inventaram fantasias que espantaram Lisboa (*Nobreza de Portugal*, III, p. 52).

Deles ficaram dois ditados, pelo menos: “Amores sem galego são amores sem pernas” e “Entre os amores, só o galego que leva os recados é que não anda enganado”, que fazem alusão ao facto de serem os portadores de recados amorosos.



ORTUGAL
30A NA RUA

PARA AS COMPRAS
Se rendant aux provisions

Fig. 44 – O “galego”, carregador.

Conclusão

Ao reflectir acerca desta Lisboa antiga de que tenho recordações demasiado esbatidas e muito pouco firmes, maior é a pena que sinto por não a ter conhecido melhor e não ter podido sentir a mística que a rodeava. Talvez porque a pesquisa para efectuar este trabalho me levou a percorrer autores que escreveram sobre Lisboa, ver numerosas fotografias da cidade e ouvir pessoas que quase se perdiam nas suas descrições, aconteceu com frequência, nos últimos meses, sentir que todos me falavam de um espaço e de um tempo muito diferentes, ainda que às vezes me pareçam estranhamente recentes, talvez porque se conserva tão presente nas fontes orais dos nossos dias.

Que conclusão posso eu aqui escrever ou que balanço posso eu fazer neste momento ?

Em *O Meridiano das Tertúlias*, de José Cardoso Pires³¹, um autor contemporâneo, li o seguinte passo: «Fernando Pessoa está sentado à chuva na esplanada da Brasileira. Dentro do café está o Almada. Ou esteve. Durante largo tempo habituei-me a vê-lo numa parede em auto-retrato dos anos vinte, na companhia de duas senhoras sofisticadas que pareciam estar à espera de qualquer coisa que havia de vir. Qualquer coisa, o quê ?».

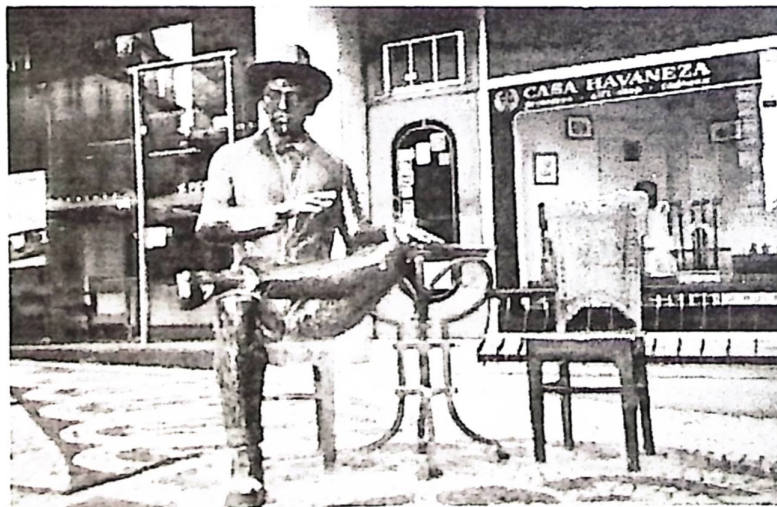


Fig. 45 – A estátua de Fernando Pessoa no Chiado

³¹ José Cardoso Pires, *O Meridiano das Tertúlias*, Lisboa, 1997.

De facto, estas imagens são-me familiares, mas a atenção redobra e tudo adquire outra dimensão quando somos incentivados por um objectivo específico, como me aconteceu ao elaborar este trabalho. Sempre que percorri a zona do Chiado encontrei alguma coisa que adquiriria um novo sentido e que antes me tinha “escapado”; comecei a aperceber-me, também, de que os muitos turistas que ali se encontram, estrangeiros ou não, manifestam um interesse muito superficial e de que o Pessoa sentado à porta da Brasileira parece ser um elemento exótico naquele cenário artificial criado para ser atracção, o Pessoa ao lado de quem todos se sentam para uma fotografia “original”. Mas será que sabem quem foi e porque está ali?

Tudo deverá ter o seu enquadramento próprio, com certeza. Quer dizer: não seria possível encontrar hoje o que existiu há um século, e não me refiro à arquitectura que poderia ter sido preservada, mas ao seu enquadramento humano, com as características específicas da época, aquelas que descortinamos no mesmo texto de Cardoso Pires (um pouco adiante): «Chiado, um cenário, um ritual. De charuto a fumar à porta da Havaneza, Ramalho Ortigão assistiu à passagem por aqui *du tout Lisbonne* do seu tempo. Snobérrimo como um gato de salão, era uma figura do *Álbum de Glórias* de Bordalo transposta ao vivo para as tardes urbaníssimas, mão enluvada, bengala fina e o *Figaro* a espreitar do bolso do fraque.» Cenário, uma vez mais... Do cenário que parece ter sido ao cenário que é hoje... eu sei que me atrai muito mais o antigo, provavelmente pelo sentido da descoberta que ele contém.

Outros podem, certamente, ser muito mais eloquentes e expressivos do que eu, e, por essa razão, reproduzo ainda umas palavras do mesmo autor, noutro texto que escreveu sobre o Chiado: « (...) até onde o fogo conseguiu chegar ficou tudo reduzido ao que se sabe: escombros, cinzas, ferros torcidos, e um pasmo a rasgar-nos a alma»³². Confesso que é diferente o meu sentimento, quer em profundidade quer em extensão, ou talvez seja diferente a forma de o expressar. Mas foi a realização deste trabalho que me fez adquirir uma nova consciência da cidade onde nasci, que quero conhecer melhor e de que preciso de conhecer mais.

³² José Cardoso Pires, *Chiado, a Ferida de Fogo*, Lisboa, s.d.

Enquanto preparava a elaboração deste trabalho li uns dos poemas de Cesário Verde, a quem chamam “poeta de Lisboa”. Alguns versos referem-se à zona do Chiado, às suas lojas e ao ambiente que ali se vivia. Escolhi estes para terminar:

Cercam-me as lojas, tépidas. Eu penso
Ver círios laterais, ver filas de capelas,
Com santos e fiéis, andores, ramos, velas,
Em uma catedral de um comprimento imenso.

.....
Desdobram-se tecidos estrangeiros;
Plantas ornamentais secam nos mostradores;
Flocos de pós de arroz pairam sufocadores,
E em nuvens de cetins requebram-se os caixeiros.

Cesário Verde, excerto de «Ao gás»,
in *O Sentimento de Um Ocidental*.

Índice de Ilustrações

Na folha de rosto: vista parcial da estátua a António Ribeiro *Chiado* (com inversão da imagem).

- Fig. 1 – Almeida Garrett (litografia de Charles Legrand in *Universo Pittoresco*, t. III, Lisboa, 1843-44, p. 298, parcialmente reproduzida in *Memória de Portugal. O Milénio Português*, coord. Roberto Carneiro e Artur Teodoro de Matos, Lisboa, Círculo de Leitores, 2001, p. 443).
- Fig. 2 – António Ribeiro *Chiado*. Estátua de bronze do escultor Costa Mota, inaugurada em 18 Dez. 1925; substituiu o chafariz e a estátua de Neptuno que se encontra actualmente no largo de D. Estefânia (in Rómulo de Carvalho, *Memória de Lisboa*, Lisboa, Relógio D'Água Editores, 2000, p. 271).
- Fig. 3 – O incêndio no Chiado (fot. in *A Capital*, nº 6506, Lisboa, 25 Agosto 1988, p. 3).
- Fig. 4 – Perspectiva da rua Garrett em 1906 (fotolitografia) (in José Manuel da Silva Passos, *O Bilhete Postal Ilustrado e a História Urbana de Lisboa*, Lisboa, Caminho, 1990, nº 170, p. 181)
- Fig. 5 – Os *Armazéns do Chiado* e o *Hotel de l'Europe* (in Id. *Ibid.*)
- Fig. 6 – Os *Armazéns do Chiado* e o pormenor da escadaria interior (c. 1912) (in Id., *Ibid.*, nº. 174, p. 183).
- Fig. 7 – Os *Armazéns do Chiado* (c. 1920) (in Id., *Ibid.*, nº. 173, p. 183).
- Fig. 8 – *Catálogo de Novidades dos Armazéns do Chiado (1910)* (fac-símile in Marina Tavares Dias, *Lisboa Desaparecida*, vol. 2, s.l., Quimera, 1990; extra-texto).
- Fig. 9 – A expansão dos *Armazéns do Chiado* (Id, *Ibid.*).
- Fig. 10 – Os *Armazéns Eduardo Martins* (o ângulo das duas frentes) (Id., *Ibid.*, p. 100).
- Fig. 11 – Os *Armazéns Eduardo Martins* (vista da rua Nova do Almada) (Id., *Ibid.*, p. 132).
- Fig. 12 – A “tenda” de Jerónimo Martins (in Id., *Ibid.*, vol. 2, p. 134).
- Fig. 13 – O *Jerónimo Martins* na rua Garrett (in José Manuel da Silva Passos, *Ob. cit.*, nº 172, p. 183).
- Fig. 14 – Anúncio dos *Estabelecimentos Jerónimo Martins & F.*

- Fig. 15 – A loja *Ramiro Leão* (in José Manuel da Silva Passos, *Ob.cit.*, nº 167, p. 179)
- Fig. 16 – Um dos carros de comércio de Ramiro Leão (puxado por parelha, vista lateral)
- Fig. 17 – Outro carro de comércio de Ramiro Leão (puxado por só cavalo, vista traseira)
- Fig. 18 – O *Paris em Lisboa*.
- Fig. 19 – Aspecto de sala de trabalho do *Paris em Lisboa*.
- Fig. 20 – A *Pompadour* (ocogravura, in José Manuel da Silva Passos, *Ob. cit.*, nº 169, p. 179)
- Fig. 21 – A *Casa José Alexandre* e o restaurante *Augusto* (in Id, *Ibid.*, nº 171, 181)
- Fig. 22 – O edifício da *Casa José Alexandre* (anos 60) (in Marina Tavares Dias, *Ob.cit.*, vol. 2, p. 138).
- Fig. 23 – O medalhão emblemático de Bertrand, com data de 1732.
- Fig. 24 – A capa do *Almanaque Bertrand* do ano de 1949 (redução 60%).
- Fig. 25 – O *Marrare* “do polimento” (gravura anónima in *A Semana*, vol. II, nº 4, Janeiro de 1851, repr. in Marina Tavares Dias, *A Lisboa de Eça de Queiroz*, s.l., Quimera, 2001, p. 96).
- Fig. 26 – Aspecto do interior de *A Brasileira* (1906 ?).
- Fig. 27 – Expressivo anúncio de *A Brasileira*.
- Fig. 28 – *A Brasileira*, ao lado da “retrozaria” *David & David* (1ª metade do séc. XX).
- Fig. 29 – Aspecto actual de *A Brasileira* (in *História de Portugal*, dir. José Mattoso, VI. *A Segunda Fundação (1890-1926)*, por Rui Ramos, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, p. 538).
- Fig. 30 – A *Havaneza* e o hotel *Alliance* (in Marina Tavares Dias, *A Lisboa de Eça de Queiroz*, p. 47).
- Fig. 31 – A tabacaria *Estrella Pollar* (in Id., *Ibid.*, p. 44).
- Fig. 32 – A pastelaria *Marques* (in Marina Tavares Dias, *Lisboa Desaparecida*, vol. 4, s.l., Quimera, 1994, p. 109)
- Fig. 33 – *Menu* da pastelaria *Bénard* para o almoço de 27 de Abril de 1916 (in Id., *Ibid.*, p. 119).
- Fig. 34 – Algumas “Licenças para Estabelecimentos” na zona do Chiado.

- Fig. 35 – Modelos de chapéu para senhora (in *Catálogo de Novidades...*, cf. Fig.8)
- Fig. 36 – Moda masculina (1840) (litografia anónima in *O Correio das Damas. Jornal de Litteratura e de Modas*, t. IV, nº 8, Lisboa, 25.8.1840, nº 6).
- Fig. 37 – Moda feminina (1839) (litografia anónima in *O Recreio. Jornal das Famílias*, nº 10, Lisboa, Outubro 1839, pp. 212-213).
- Fig. 38 – Desenho satírico sobre a moda feminina (1884) (in *O Sorvete*, 16 Novº de 1884).
- Fig. 39 – “Figurino” (in *Catálogo de Novidades...*, cf. Fig.8).
- Fig. 40 – Um encontro... “derriço”?
- Fig. 41 – O saloio, vendedor de fruta.
- Fig. 42 – O vendedor de peixe.
- Fig. 43 – O padeiro.
- Fig. 44 – O “galego”, carregador.
- Fig.45 – A estátua de Fernando Pessoa no Chiado (<http://alfarrabio.um.geira.pt/vercial/fotos/lisboa/lisb083.htm>).